

# O PSB E A FASE ATUAL DA LUTA DE CLASSES

*ERIC SACHS*

Todo programa político tem o seu papel limitado pela situação objetiva da qual foi elaborado. Quando há mudanças qualitativas dessa situação, isto é, do nível da luta de classes, o programa pode deixar de responder aos problemas colocados pela luta diária. Isto não diz respeito, geralmente, aos objetivos finais do movimento e, sim, à análise da situação presente, às perspectivas a curto e médio prazo e às suas conseqüências táticas e mesmo estratégicas.

O PSB não escapa a essa regra. Elaborado há mais de quinze anos – no início da ditadura militar – influenciou, em grau maior ou menor, uma nova esquerda, independentemente se o aceitava ou rejeitava. Hoje estamos perante a necessidade de reavaliar a situação, o nível da luta de classes no país e a atualidade do PSB.

Quinze anos de ditadura aberta mudaram algo na face desta terra. Não solucionando nenhum dos problemas que levaram ao golpe militar de 1964, aprofundaram as contradições latentes no seio da sociedade brasileira. Houve, antes de tudo, uma forte expansão das forças produtivas, que teve como conseqüência um crescimento da classe operária, em termos relativos e absolutos. Esse crescimento não foi meramente quantitativo. O proletariado deu passos decisivos em direção ao seu amadurecimento como classe – embora ainda se encontre no meio do caminho. Mas fato é que o populismo, como sistema e estrutura política, desmoronou e não ressurgirá nos antigos padrões. A derrocada do populismo não levou a grande massa do nosso proletariado à procura de novos caminhos políticos – nesse sentido se criou, antes, um vácuo. A luta está hoje, em sua maior parte, em nível econômico, isto é, sindical. Já se criou, entretanto, uma situação em que a luta pela liberdade sindical – que em 1965 ainda não passava de uma palavra de ordem propagandística e educativa – se torne uma premissa indispensável para a mobilização política da classe. Este terá que ser o próximo passo.

Nesse sentido, a linha estratégica do PSB, que consiste em formar e fazer avançar o processo objetivo da criação da classe operária independente, foi plenamente confirmado. O problema hoje consiste em levar em conta as circunstâncias concretas dentro das quais o fenômeno se dá, para poder elaborar uma linha política correspondente.

Outra questão que se coloca é reavaliar a situação do Brasil dentro do contexto do capitalismo mundial, isto é, as formas concretas sob as quais o domínio do imperialismo é exercido neste país. As questões do subdesenvolvimento e da dependência, que em grande parte ainda são tratadas como lugares comuns, hoje exigem definições mais precisas. A expansão econômica da década de 70 deu ao país um papel de destaque no mundo subdesenvolvido. Por outro lado, a prática política do regime militar mostrou que também países dependentes não se submetem docilmente às exigências de uma potência imperialista. Isso chegou a surpreender muita gente, mas para nós, a definição de “cooperação antagônica” ficou comprovada. Hoje, trata-se de dar conteúdo à definição, à base da experiência dos últimos anos.

Finalmente, neste contexto, é preciso constatar que os autores do PSB não facilitaram muito a tarefa, quando falaram do “bloqueio” do desenvolvimento capitalista do Brasil e tomaram a política econômica do regime militar como sintoma de “estagnação”. É verdade que o PSB não estava sozinho com esta interpretação; economistas como Celso Furtado, incorreram em erro análogo. O que facilitou esse equívoco foi o fato de a crise cíclica de 1963/66 ainda não ter sido superada. Isso, em grande parte, foi responsável pelo nosso despreparo frente ao “milagre econômico”.

No campo, as mudanças não são menos significativas. A contínua penetração de métodos capitalistas na agricultura, a generalidade do fenômeno dos “bóias-frias” prepara o terreno para lutas sociais em escala inédita no país. Ajuda a destruir as velhas estruturas do coronelismo e aproxima as formas de luta dos trabalhadores rurais aos do proletariado urbano. Desde já, o

sindicalismo está presente em regiões do interior e os sindicatos rurais farão parte de uma futura Central Única dos Trabalhadores.

O desenvolvimento das lutas de classes no campo, todavia, ainda é contraditório. Em primeiro lugar, as diferenças regionais ainda são maiores do que no setor industrial. Em segundo lugar, o desenvolvimento é mais lento do que nas cidades. Apesar disso, contem um potencial explosivo latente, principalmente no Nordeste. Para adaptar o Programa à nova situação impõe-se um estudo mais detalhado e aprofundado das peculiaridades regionais e setoriais da nossa agricultura. Nada mudou, evidentemente, o nosso objetivo estratégico de uma Frente Única dos Trabalhadores da Cidade e do Campo.

Não devemos perder de vista também que o desenvolvimento da última década e meia produziu uma mudança nas relações de forças existentes no seio da aliança das classes dominantes. O peso e a influência do latifúndio continuaram a diminuir em relação à indústria e ao capital financeiro. A ditadura militar em si é um terreno pouco propício para a defesa de interesses específicos de setores da classe dominantes. A ditadura aberta defende, por excelência, os interesses do setor dominante, da grande burguesia. Entretanto, mesmo a volta a formas democrático-burguesas de governo não restabeleceria as antigas relações de forças de antes de 1964. A expansão do setor industrial criou fatos consumados que impediriam isso.

No que diz respeito às relações internacionais podemos verificar um quadro semelhante de mudanças dentro de uma continuidade básica.

O confronto latente entre dois sistemas sociais, o do Ocidente capitalista e imperialista e o campo socialista continua a representar a contradição fundamental da política mundial.

No campo imperialista houve certas mudanças quantitativas. As potências européias reunidas na comunidade Econômica conseguiram fortalecer seu potencial econômico e diminuir a distância que as separava do norte-americano. Durante as últimas duas décadas, a produtividade da indústria européia-ocidental cresceu em ritmo mais acelerado do que a norte-americana. Embora os EUA ainda conservem a dianteira, a diminuição dessa distância chegou a provocar a crise do dólar, a desvalorização maciça da moeda norte-americana. O conseqüente aguçamento da concorrência no mercado mundial levou, por sua vez, ao restabelecimento parcial de barreiras protecionistas.

Assim mesmo, a hegemonia norte-americana no bloco ocidental e na OTAN não está posta em questão. As potências européias podem hoje pressionar com mais força pela defesa dos seus interesses no seio da aliança, mas elas têm plena concordância que dependem do potencial militar norte-americano para a sobrevivência como economias capitalistas.

A crise do petróleo, isto é, a negativa dos países produtores de petróleo de fornecer às nações industriais o seu produto a preços baixos, revelou publicamente a dependência do Ocidente em relação ao fornecimento de matérias primas. O petróleo, entretanto, somente precipitou a crise cíclica de 1973/76, sendo esta a mais grave do capitalismo mundial no pós-guerra. Até hoje não está superada inteiramente, dando lugar à estagnação em diversos países. Os próprios EUA já enfrentam nova crise. Entretanto, seria precipitado esperar que essa situação beneficie automaticamente as forças revolucionárias nos países industriais. Até agora só beneficiou a direita, como mostra, entre outras, a eleição nos EUA.

O campo socialista conseguiu se expandir nestes últimos quinze anos. O imperialismo norte-americano foi derrotado no Vietnã. O Iêmen do Sul, Moçambique e Angola juntaram-se ao Campo. E a revolução etíope tomou o caminho socialista. Assim mesmo, o Campo Socialista também não está livre de crises internas, embora de caráter diferente. Há uma crise estrutural, que irrompeu abertamente na Polônia e que se deve à resistência latente da classe operária contra a tutela burocrática, que já se tornou um entrave para a maioria dos países socialistas.

A crise mais grave, porém, consiste na divisão do campo socialista. As contradições entre as suas maiores potências, a URSS e a China, romperam a frente única antiimperialista em escala mundial e favorecem objetivamente as forças de sustentação do capitalismo internacional. Esse fenômeno não desmente a polarização do mundo em dois campos antagônicos, o imperialista e o socialista. A China só pode desempenhar atualmente seu papel de aliada

potencial dos EUA contra a União Soviética, aproveitando-se da contradição existente para uma política imediatista e de curta visão. Embora não acreditemos que essa constelação de forças em escala mundial seja definitiva, o PSB tem que entrar nesse assunto imprevisível no passado.

A parte do Programa que trata das recomendações táticas, certamente é a mais desatualizada. A proposta da FER, por exemplo, da Frente da Esquerda Revolucionária, visava quebrar o monopólio do pelego-comunismo sobre o proletariado. A própria história se encarregou disso. Hoje esse monopólio está quebrado e as tarefas já são outras.

Não conseguimos, na realidade, materializar a FER. A culpa certamente não foi nossa. Não encontramos receptividade para esse gênero de luta nas organizações – o PCdoB e o MRT – que naquela época poderiam compor conosco. O que ficou desses aliados potenciais de então, hoje está no campo democratista e isso não é pura coincidência. De resto, embora em circunstâncias completamente diferentes, uma espécie de frente de esquerda realizou-se espontaneamente no PT – embora não abranja todo o PT. A esquerda em si, inclusive aquelas frações que no passado consideramos ER, por sua vez, está passando por um processo de reagrupamento. Uma parte, praticamente não sobreviveu; outra foi e continua indo para a direita. O que hoje existe em matéria de grupos e grupúsculos certamente não representa a última palavra da esquerda brasileira.

Sobre o capítulo da guerrilha, como instrumento de luta revolucionária, já tivemos ocasião de observar que ocupa um lugar de destaque em demasia no Programa. Isso foi resultado das lutas internas de então, principalmente com a ala debrayista.

Hoje, o Programa deve avaliar a experiência da luta de guerrilha em Cuba e na Niquarágua, entre outras, mas a atual situação brasileira não coloca o problema na ordem do dia. Importante seria um balanço da nossa experiência com a chamada “guerrilha urbana”, que sacrificou uma geração de revolucionários e que contribuiu para o esfacelamento das organizações operárias durante a clandestinidade.

Concluindo, podemos dizer que a linha estratégica elaborada no PSB continua válida. É de se admirar talvez o fato de uma parte tão grande do Programa ter resistido ao tempo. Mas, assim mesmo, o Programa não responde mais às nossas necessidades atuais e futuras. Isso tem de ser remediado, se quisermos que o PSB desempenhe seu papel da mesma forma como fez no passado.

*(Escrito por Eric Sachs provavelmente no início dos anos 80. Digitalizado em out/2007 a partir de uma edição mimeografada do Programa Socialista para o Brasil, assinada pela organização MR-PO).*

